

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
Bibliotecária responsável: Mara Rejane Vicente Teixeira

FILIZOLA, Roberto
Didática da Geografia: proposições
metodológicas e conteúdos entrelaçados com a
avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.
120 p. : il.; 23 cm.

ISBN 978-85-7905-227-9
Inclui bibliografia.

1. Geografia – Estudo e ensino. I. Título.

09-00941

CDD-469.5

©2009 – Base Editorial Ltda.
Todos os direitos reservados.

Direção editorial
Oralda Adur de Souza

Direção pedagógica
Carmen Lucia Gabardo

Coordenação editorial
Carina Adur de Souza
Marcos Vinicius Lobo Leomil
Tânia M. Barroso Ruiz

Coordenação pedagógica
Tânia M. Barroso Ruiz

Iconografia
Amanda Calixto de Castro (estagiária)
Osmarina Ferreira Tosta
Sandra Sebastião

Apoio técnico
Valquiria Salviato Guariente

Revisão
Luciane Pancione

**Capa, projeto gráfico e
diagramação**
Expression SGI

Finalização
Janaina Claudino Silva (estagiária)
José Cabral Lima Júnior

CtP e Impressão



BASE EDITORIAL LTDA.
Rua Antônio Martin de Araújo, 343 • Jardim Botânico
CEP 80210-050 • Curitiba/PR
Fone: (41) 3264-4114 • Fax: (41) 3264-8471
E-mail: baseeditora@baseeditora.com.br
Site: www.baseeditora.com.br

Sumário

Apresentação	4
1 Reflexões sobre o ensino da Geografia Escolar	10
1.1 Um pouco da história da Geografia.....	12
1.2 Por uma Geografia útil aos nossos alunos: considerações sobre a importância de seu ensino.....	16
1.3 Finalidades e objetivos do ensino escolar da Geografia.....	22
2 Aspectos da aprendizagem de conceitos e temas na Geografia Escolar	30
2.1 Aprendizagem: cercando-nos de alguns cuidados	32
2.2 A Cartografia Escolar e o ato de ensinar a pensar o espaço.....	35
2.3 Revendo os conceitos de conhecimento e inteligência.....	40
3 A avaliação na Geografia Escolar: limites e possibilidades	48
3.1 A avaliação na Geografia Escolar tem um passado	50
3.2 Permanências (in)deesejáveis na avaliação na Geografia Escolar.....	54
3.3 Critérios para a avaliação na Geografia Escolar.....	58
4 Ações metodológicas e práticas avaliativas	64
4.1 O raciocínio geográfico à luz da organização espacial.....	66
4.2 As práticas avaliativas e o raciocínio geográfico.....	82
4.3 O uso de múltiplas linguagens na Geografia Escolar.....	87
5 A construção de uma visão prospectiva das práticas do ensino de Geografia	104
5.1 Avanços que vieram para ficar	106
5.2 Ranços que necessitam ficar para trás.....	111
Referências	116

podem ser de natureza socioambiental, como a distribuição de tipos climáticos ou de vegetação (por que parte do território nordestino é dominado pelo clima tropical semi-árido e a Amazônia não?) ou socioeconômica a exemplo da localização da atividade industrial (por que o maior parque industrial do país encontra-se localizado em São Paulo e não no Rio Grande do Sul?)

- *Articular a escala local e global usando como referência as manifestações da globalização em seus espaços de vivência.*
- *Analisar a distribuição de atividades, fenômenos ou eventos, fazendo uso de mapas em diferentes escalas cartográficas e perceber mudanças qualitativas nos objetos representados.* O que é uma cidade num mapa de $E = 1:25.000$? E num mapa de $E = 1:25.000.000$?
- *Perceber que o lugar, o território e a paisagem são multiescalares, uma vez que os fatores que intervêm na sua configuração procedem de variados níveis ou dimensões espaciais.* O frio e a neve que integram a paisagem das serras gaúchas e dos planaltos catarinenses guardam uma relação com a ação de massa de ar procedentes do sul da Argentina; o fenômeno conhecido por El Niño cuja origem reside no Oceano Pacífico, interfere nos índices pluviométricos e nas condições de vida de vários lugares no Brasil.

Quanto ao uso dos instrumentos de avaliação, isto é, ao como avaliar, somos partidários da articulação proposição metodológica-prática avaliativa. Portanto, a aula de campo, o manuseio do Atlas, o trabalho com o jornal, a entrevista, podem ser colocados a serviço da viabilidade metodológica dos objetivos da disciplina e dos critérios de avaliação. Assim, a produção de textos, a organização de painéis, a participação em deba-

tes, a interpretação de uma letra de música devem ser tomados como elaboração e reelaboração dos saberes dos alunos em suas atividades escolares cotidianas. Mais do que isso, devem estar em sintonia com a ideia de desenvolvimento da inteligência e, portanto, de crescimento dos alunos.

4.3 O uso de múltiplas linguagens na Geografia Escolar

Um breve sobrevoo pela história do pensamento geográfico e verificamos que a linguagem gráfica e a verbal acompanham a Geografia desde longa data. Nesse aspecto, vale recordar que a palavra é de origem grega e significava para os antigos “escrever sobre a Terra”. Observe que a palavra, escrita ou falada, possuía um papel primordial na representação e na transmissão de informações, de conhecimentos a respeito do mundo. A descrição detalhada dos diferentes espaços e paisagens foi, durante um longo período uma das principais expressões da linguagem gráfica na Geografia. A outra, como sabemos, é o mapa. Aliás, não custa recordar que essas duas formas de linguagem caminham juntas há muito tempo comunicando os sentidos, os significados e as significações que a Geografia, ou melhor, que aqueles que fazem Geografia atribuem ao mundo.

É interessante assinalar que o uso de linguagens na Geografia sempre esteve associado àquilo que é próprio da ciência geográfica: o trabalho com localização e diferenciação de lugares. E não poderia ser de outra maneira. Por outro lado, as imagens, os gráficos, as tabelas também foram incorporados na análise geográfica, incluída a análise de estruturas espaciais. Coleta, tratamento e representação de dados os mais diversos fazem parte do trabalho de pesquisadores e profissionais que atuam no âmbito da Geografia. Universidades, centros e institu-

tos de pesquisa, órgãos de planejamento, empresas de assessoramento, dentre outras instituições, fazem uso desses recursos gráficos, transmitem informações por meio dessas linguagens. E a Geografia Escolar, como utiliza as linguagens em seu meio? Como essas linguagens e suas expressões são associadas ao processo avaliativo?

ESTUDO E REFLEXÃO

Na obra *Tratamento estatístico e gráfico em Geografia*, as geógrafas portuguesas Conceição Coelho FERREIRA e Natércia Neves SIMÕES apresentam uma série de exemplos práticos, envolvendo a coleta e o tratamento de informações, muitos passíveis de serem aplicados na Escola Básica.

De início, não podemos perder de vista que a escola lida com um saber específico, o saber escolar. Sendo assim, a presença em sala de aula de formas de expressão das múltiplas linguagens, como um texto literário, dentre eles a poesia, uma fotografia aérea ou um filme deve atender àquilo que é próprio do ensino de Geografia. A leitura e interpretação dessas formas de expressão das linguagens nas nossas aulas devem estar a serviço do desenvolvimento do olhar geográfico, da interpretação geográfica do mundo que nos cerca, e não o inverso. Portanto, a utilização de linguagens pelo professor, pela professora de Geografia deve possibilitar uma ressignificação dos conhecimentos com os quais a criança e o jovem, chega às suas aulas. Nesse processo, o chamado senso comum, o conhecimento menos elaborado com o qual os alunos, estão comunicando sua visão de mundo, é confrontado com um saber mais elaborado. As linguagens e suas formas de expressão e, sobretudo, o conhecimento que elas carregam, encontram-se presentes nesse confronto ou contraposição. Um exemplo:

Carlos Drummond de Andrade

*Alguns anos vivi em Itabira.
Principalmente nasci em Itabira.
Por isso sou triste, orgulhoso: de ferro.
Noventa por cento de ferro nas calçadas.
Oitenta por cento de ferro nas almas.
E esse alheamento do que na vida é porosidade e comunicação.*

*A vontade de amar, que me paralisa o trabalho,
vem de Itabira, de suas noites brancas, sem mulheres e sem horizontes.
E o hábito de sofrer, que tanto me diverte,
é doce herança itabirana.*

*De Itabira trouxe prendas diversas que ora te ofereço:
este São Benedito do velho santeiro Alfredo Duval;
este couro de anta, estendido no sofá da sala de visitas;
este orgulho, esta cabeça baixa...
Tive ouro, tive gado, tive fazendas.
Hoje sou funcionário público.
Itabira é apenas uma fotografia na parede.
Mas como dói!*

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. 17. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

Repare que o poeta expressa sua indignação diante da ação devastadora que a exploração do minério de ferro impõe ao ambiente, à paisagem. A leitura interpretativa, sensível, crítica do poema passa, de um lado, por uma contextualização: quem é o autor do poema, em que época o escreveu, onde vivia quando o fez, qual sua ligação com o tema e o que o motivou a escrevê-lo. Essas considerações são importantes para que a classe se situe diante do poema e de seu autor. De outro lado, a análise geográfica pode e deve ser parte da interpretação crítica

e sensível do poema. Daí que algumas questões podem ser levantadas, a exemplo do onde? Por que naquele lugar? Como era, como ficou aquela paisagem? Quais os impactos dessa localização? Notem que esse procedimento, que consiste na contextualização e análise geográfica alimentam a compreensão das localizações, estruturas e processos espaciais referentes a uma parcela do espaço geográfico brasileiro, situado no Centro-Sul do país, e que se insere no mercado internacional. Repare, ainda, a articulação das escalas de análise e das relações entre importantes conceitos da Geografia. O local, o regional e o planetário articulam-se entre si, ao mesmo tempo em que a paisagem, o lugar e o território manifestam a produção do espaço geográfico, sua organização.

É interessante destacar que o uso de uma linguagem pode nos remeter à utilização de outras. No caso do poema, a um mapa de localização das jazidas de minério de ferro, das vias utilizadas para seu escoamento, do chamado Quadrilátero Ferrífero, com imagens que retratem o antes e o depois em Itabira. E sendo assim, as possibilidades de avaliação são mais amplas e variadas. Além disso, os instrumentos avaliativos podem se prestar ao diagnóstico da turma, dos alunos.

E por falar em mapa, eis que nos colocamos diante de um verdadeiro ícone do ensino da Geografia que, contudo, é costumeiramente subaproveitado na escola. Estamos querendo dizer que no contexto escolar a cartografia é concebida como técnica, como ramo do conhecimento responsável pela representação da superfície curva do planeta por meio de mapas. Nessa perspectiva, o mapa é decomposto, e seus elementos trabalhados como conteúdos. A escala, as convenções cartográficas, os sistemas de projeção cartográfica, os tipos de mapas e sua classificação são exemplos de "conteúdos" comumente desenvolvidos nas aulas do 6º ano do Ensino Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio.

Por outro lado, a ideia de cartografia enquanto linguagem da Geografia passa ao largo do ambiente escolar.

Conceber a cartografia como linguagem da Geografia resulta numa série de consequência que devemos ponderar. Em outras palavras, é necessário proceder a uma espécie de desconstrução dos usos do mapa na escola. Muitos desses usos remontam a um passado, a um momento ou contexto histórico que justificava tal procedimento. Estamos nos referindo ao uso do mapa no contexto da inculcação da ideologia do nacionalismo patriótico. Sendo assim, a prática de copiar e colorir num ato mecânico o mapa do país era uma ação que embutia essa dimensão ideológica, embora no entender dos professores da época, os alunos estivessem desenvolvendo também algumas competências e habilidades. Como visto anteriormente, o processo de alfabetização cartográfica tem por finalidade formar um leitor crítico e um fazedor consciente de mapas. Portanto, os alunos devem ser motivados, devem-se-lhe criar oportunidades para eles próprios construir mapas. Com isso, eles podem decodificar a partir da experiência de codificadores, de criadores de símbolos e ícones associados a uma temática cartografada. Nesse processo, é importante assinalar, os alunos têm que se apropriar de conceitos cartográficos ou de alguma forma relacionados à produção, leitura e interpretação de mapas. A escala cartográfica e sistemas de projeção cartográfica são exemplos, bem como a construção da legenda, a orientação, a visão vertical e o chamado alfabeto cartográfico. Note que, criar, ler, interpretar mapas é uma competência que demanda, necessariamente, uma série de saberes que integram o repertório escolar de conteúdos.

Um outro uso que necessita ser ultrapassado é o do mapa como ilustração, seja nos livros didáticos, seja no material didático que é produzido na própria escola para aproveitamento pelos alunos. Nesse sentido, o mapa não passa de uma imagem

que não desempenha seu real papel: comunicar, transmitir informações. No caso dos textos, o mapa deve gerar informações que contribuam para sua elaboração, isto é, mapa e texto se alimentam mutuamente numa relação de complementaridade. Disso resulta que o manuseio do texto acompanhado de mapas deve se cercar de alguns cuidados, devendo ser trabalhado conjuntamente de tal modo que a leitura das duas linguagens, o texto escrito e o mapa potencializam o aprendizado. Isso nos leva a concluir que os mapas têm de estar presentes de forma mais assídua durante o desenvolvimento de nossas aulas.

Não podemos nos furtar de uma última observação sobre o uso do mapa ou de cartografia como linguagem da Geografia. Uma vez que essa representação contém informações relevantes sobre a organização espacial, sobre a realidade que é convertida em objeto de conhecimento em nossas aulas, a sua leitura deve se dar de forma sistemática. Isso significa dizer que, no procedimento de decodificação do mapa, de sua leitura interpretativa, algumas perguntas podem e devem ser levantadas:

- A mais “tradicional” delas é ONDE? É necessário que o leitor busque a localização de um evento, seja por meio do conjunto das coordenadas geográficas, seja utilizando outros referenciais presentes na representação cartográfica. Acima de, a jusante, à esquerda de, na diagonal de, no quadrante superior esquerdo, etc., são exemplos de relações espaciais existentes entre dois ou mais eventos, cuja ocorrência pode ser pontual, linear ou zonal (linguagem ou alfabeto cartográfico).
- Mapas temáticos, por outro lado, podem demandar outros questionamentos. Por exemplo, temas de caráter quantitativo (densidade populacional, distribuição da produção agrícola, etc.), demandam a questão QUANTO?

ou QUAL A QUANTIDADE? Os temas de caráter qualitativo, melhor dizendo, que dizem respeito à natureza ou ao tipo da informação representada demandam as perguntas O QUE? QUAL? Num mapa de distribuição de recursos minerais esses questionamentos podem e devem ser lançados pelo leitor. Há, ainda, os temas de caráter ordenado, isto é de ordem hierárquica, por exemplo, a hierarquia urbana (metrópoles nacionais, metrópoles regionais, etc.), a produtividade agrícola num estado ou município (produção por área cultivada), grau de fragilidade das paisagens (avaliação ambiental), etc. Nesses casos, a pergunta é EM QUE ORDEM?

É nesse contexto de leitura e análise dos objetos representados nos mapas que ganha relevância e sentido o título do mapa e a legenda. Nesse caso, ambos desempenham um papel que pode ser definido como o de uma espécie de “porta de entrada do mapa”. Assim, um bom começo para uma leitura mais produtiva dessa forma de linguagem é buscar compreender o real significado do seu título, bem como avaliar a qualidade da simbologia utilizada, ou seja, trata-se de um procedimento cuja finalidade é levar o leitor, no caso nossos alunos, a tirar o melhor proveito de sua leitura. É uma postura, uma prática pedagógica que não se restringe à mera classificação dos mapas (físicos, humanos, econômicos, políticos...), tampouco a uma exposição empobrecida das convenções cartográficas.

QUESTÕES EM PAUTA

1. Como você avalia a qualidade dos mapas nos livros didáticos que você utiliza em sala de aula? Eles guardam uma relação com o texto didático ou mais se assemelham a uma ilustração? O tamanho do mapa é adequado para o tema que representa? Apresenta uma profusão de informações que o torna poluído?

2. O que você pensa do uso de cadernos de mapas mudos nas aulas de Geografia, tendo em vista que os alunos devam pintá-los e escrever nomes de rios, de países, etc.?
3. Organize um roteiro, baseado em questões, que possibilite, a um só tempo, aos alunos realizarem uma leitura mais proveitosa do mapa, bem como operarem o raciocínio espacial. Você pode definir o tema representado como, por exemplo, o relevo de uma região do Brasil, ou a distribuição da rede de transporte no país.

O mapa não deixa de ser uma imagem e, como ela, outras como a fotografia aérea e a imagem de satélite podem ser reconhecidas. Nesses casos, seu uso é similar ao do mapa, mas com a vantagem de podermos lidar com informações de localidades nem sempre contempladas nos Atlas, tampouco nos livros didáticos. Além disso, as escalas dessas imagens podem favorecer estudos com maior grau de detalhamento. Vale a pena comentar que existem endereços na internet que possibilitam o acesso a imagens de satélite em tempo real. Com isso, alguns fenômenos podem ser estudados e avaliados nessa dimensão temporal, como o avanço das frentes frias ou as implicações sofridas pela atmosfera em virtude da ocorrência de fenômenos da magnitude do El Niño. Observe que esses recursos mobilizam o raciocínio geográfico.

As fotografias e o cinema também podem ser inseridos no âmbito da imagem. No caso da fotografia, sua presença é muito marcante, ou melhor, é intensa. Afinal, ela se encontra presente nos jornais e revistas, no livro didático, nos *outdoors*, afixadas em veículos como ônibus e automóveis. Retratando realidades socioespaciais ou a serviço do consumo, a fotografia reclama um olhar crítico. Trata-se de uma linguagem que apresenta uma composição, traduz um enquadramento que o fotógrafo impõe à realidade, ou seja, é marcada pela intencionalidade, pela visão de mundo, pelos valores que constituem o acervo, a formação cultural desse profissional. É nesse aspecto, portanto, que

o estudo geográfico que faz uso de fotografia pode colaborar para a formação de uma sensibilidade perspectiva e até estética dos alunos diante de fenômenos e informações ministrados em nossas aulas, e não necessariamente nas de Artes.

O cinema também é uma poderosa linguagem, juntamente com a televisão. Essas linguagens integram outras mais, uma vez que são produzidas com o som, o movimento, a cor, as expressões do corpo e da voz. Ler criticamente essas imagens em movimento pode enriquecer a formação dos alunos e atribuir uma outra dinâmica às aulas de Geografia. Isso porque os filmes, os documentários, as novelas, as propagandas e tudo o mais que cinema e televisão proporcionam aos usuários, encontram-se carregados de cultura, muitas vezes múltiplas e superpostas culturas. Desvelar essa sobreposição pode ser um caminho para a compreensão da construção do espaço segundo a dimensão cultural. É nessa perspectiva que o olhar geográfico pode ser ativado na leitura interpretativa dessas linguagens, ao mesmo tempo em que pode ser potencializado por elas. Afinal, um sem-número de filmes, por exemplo, são rodados em cenários que compõem as mais diversas paisagens e ambientes.

É interessante observar que o cinema enquanto integrante da indústria cultural pode ser entendido como difusor e até indutor de hábitos de consumo, bem como de valores associados a uma determinada cultura. Não é à toa, portanto, que países como os Estados Unidos, a França e o Japão fazem do cinema um aliado de seus interesses geopolíticos. A linguagem cinematográfica, assim, possui um alcance planetário que auxilia as potências econômicas na manutenção de suas áreas de influência. Nesse caso, as culturas dominantes entram, participam dos jogos de influência e de poder.

Embora a imagem exerça um forte apelo, seja capaz de mobilizar a atenção e o interesse dos alunos, não podemos

perder de vista a relevância da linguagem escrita. Não estamos querendo dizer com isso que o texto deva ocupar a maior parte de nossas aulas. Ocorre que existe uma gama de textos que não só podem como devem complementar os textos do livro didático. Não custa lembrar que esse material apresenta um grau não desprezível de generalização, pelo fato de destinar-se, via de regra, ao alunado de todo o território nacional. Nesse contexto, as questões locais correm o sério risco de ficar de fora das aulas. Como já foi visto em outra oportunidade, através do trabalho com a escala local, é possível entender, ou, ao menos, estudar o mundo. Sendo assim, que textos utilizar, de modo a realizar uma espécie de manutenção do livro didático, isto é, atualizá-lo cotidianamente? Como trabalhá-los em sala de aula sem perder de vista o desenvolvimento ou o uso do olhar geográfico? Com quais linguagens mais tais textos podem ser complementados ou articulados?

Um poderoso texto é o jornalístico. De fato, os jornais, particularmente os de circulação nacional, trazem uma infinidade de informações. O mundo pode ser trazido para a sala de aula. Evidentemente que o país e o estado onde os alunos vivem fazem parte desse mundo a que estamos nos referindo. Notem, ainda, que essas informações são atualizadas e estarão sendo permanentemente revistas se o uso do jornal for periodicamente utilizado. Como viabilizar seu uso?

Os caminhos ou possibilidades são múltiplos. Primeiramente, é necessário pensar no seu acesso, isto é, que os professores possam dispor do jornal. Uma forma interessante seria a escola assumir a assinatura não só de um, mas de dois a três jornais: um local, um estadual (e se houver dois que se oponham por sua linha editorial, que ambos sejam adquiridos) e um outro de circulação nacional. Observem que, nesse caso, o investimento estaria sendo feito no corpo docente, diretamente.

Os exemplares, primeiramente, ficariam na sala dos professores, para serem usufruídos pelos docentes. Feita sua leitura, o jornal poderá ser guardado na biblioteca ou outro local, para posterior aproveitamento em sala de aula.

Outra possibilidade, ainda mais ampla, é a de acessar os jornais pela internet. Na rede, jornais eletrônicos nacionais e internacionais podem ser visitados. As matérias podem ser arquivadas para posterior uso, sem o inconveniente de ocupar espaço, com a vantagem de poderem ser impressas, em papel ou transparência para retroprojeter, sempre que se fizer necessário.

Ao ler diariamente os jornais, não há dúvida de que os professores asseguram uma constante atualização a respeito de eventos que acontecem pelo mundo afora. Certamente que o ambiente na sala dos professores adquirirá um novo ar, mais participativo, com maior troca de opinião e pontos de vista. É provável que até mesmo algumas discussões acaloradas aconteçam, o que deve ser entendido como algo próprio de grupos que se encontram refletindo sua realidade. Com certeza, esse ambiente é mais salutar que aqueles em que praticamente ninguém se envolve com nada e ainda é capaz de dizer que nos jornais só têm notícia ruim.

Essa verdadeira ideologia deve ser evitada a todo custo e não deve chegar à sala de aula, ou seja, os alunos devem ser estimulados a ler e utilizar o jornal, devem ser orientados para tirar o melhor proveito de sua leitura. Assim, vejamos alguns cuidados e certas considerações sobre seu aproveitamento "geográfico" na sala de aula.

O fato de os alunos terem contato cotidianamente com essa linguagem também os mantém atualizados, ampliando seu acervo cultural. Consequentemente, podem responder com mais prontidão a atividades e tarefas próprias do meio escolar, como a redação de um texto argumentativo, por exemplo. Caso o aluno

não tenha acesso a informações cotidianas, como expressar com desenvoltura e conhecimento de causa, seus pontos de vista? Nesse sentido, é importante destacar que nossa sociedade vive um momento histórico sem precedentes, de importantes conquistas em diversos âmbitos, tanto no social como no econômico, passando pelo político e pelo ambiental. Como posicionar-se a respeito de temas polêmicos, mas de grande densidade ética, como o aborto, o uso de armas de fogo ou a discriminação da maconha? Essas considerações, inicialmente se prestam a todas as disciplinas. Nossa expectativa, portanto, é de que as unidades escolares desenvolvam projetos multidisciplinares envolvendo o uso de múltiplas linguagens, aí incluído o jornal.

Algumas matérias jornalísticas possuem um "apelo geográfico" mais forte, assim como existem aquelas que parecem se destinar mais a um enfoque literário ou histórico. Temas políticos, ambientalistas, econômicos, demográficos costumam se enquadrar nos currículos de Geografia. Assim, um primeiro procedimento a se seguir pode ser justamente proporcionar explicações breves aos alunos, de tal modo que eles possam classificar as matérias e as notícias, ou categorizá-las. Classificar ou estabelecer categorias não é simples, mas não deixa de ser instigante e desafiador. Um atentado terrorista, por exemplo, possui uma dimensão política, mas pode contemplar a dimensão cultural. A queda na safra de um produto agrícola causada por uma estiagem contém a dimensão ambiental e a econômica. Se fizer menção a desemprego, certamente abarca o social.

Essa habilidade classificatória além de ampliar o repertório analítico dos alunos pode prestar-se para uma atividade com o uso da linguagem cartográfica a diferentes escalas.

Em primeiro lugar, devemos selecionar matérias, não muito extensas. Nesse caso, podem ser as notas que aparecem na primeira página dos jornais, complementadas com outras noti-

cias existentes nos demais cadernos dos jornais. Tais assuntos podem ser de âmbito mundial, o que nos remete ao uso de mapa-múndi mudo, se possível com uma projeção cartográfica que não seja a de Mercator.

A atividade pode ser desenvolvida em equipes ou individualmente. Trabalhos em equipe possibilitam maior integração e cooperação entre os alunos, mostrando-se mais produtivos. Definida a modalidade (se em grupo ou individual), e então os alunos recebem as notícias, que podem ser fotocopiadas. Cabe aos alunos lerem e classificarem as matérias e criarem uma simbologia ou definirem uma cor para cada categoria. Por exemplo, guerras podem ser representadas por um desenho que lembre uma explosão originada por bombardeio ou pela cor vermelha.

A seguir, com o auxílio de um Atlas, os alunos devem localizar a ocorrência dos eventos que aparecem nas matérias. Por fim, os alunos podem ser orientados na produção de um "texto geográfico", baseado nas questões ou problemas geográficos: por que nesse lugar e não em outro? Por que em tal e qual país ocorrem mais notícias econômicas e no país tal predominaram as políticas? Essa mesma proposta pode ser desenvolvida na escala nacional ou regional (estadual) e mesmo na local.

O texto jornalístico nem sempre dá conta de explicar com a devida profundidade alguns temas. Afinal, sua comunicação tem que ser ágil, sem delongas, caso contrário o leitor o abandona. Períodos curtos, frases de efeito, explicações pouco rebuscadas e manchetes que mobilizem a atenção do leitor costumam caracterizá-lo. Nesse aspecto, algumas explicações devem ser agregadas, para que os alunos possam ir além na compreensão dos fatos veiculados. Assim, ao tratar dessas explicações, de alguns termos ou conceitos geográficos, ou que de alguma forma possam ser associados aos conteúdos da Geografia podem ser identificados pelos alunos e "traduzidos", seja com o auxílio

do livro didático, de uma enciclopédia ou mesmo um dicionário. Um exemplo marcante é a coluna do tempo meteorológica, comumente acompanhada de imagens satélite da atmosfera.

Não custa recordar que as grandes agências de notícias internacionais detêm um verdadeiro monopólio sobre a circulação de informações em âmbito planetário. Sendo assim, é importante demonstrar para os alunos que as notícias sobre um assunto internacional presente num jornal brasileiro podem ter sido redigidas por um correspondente argentino que trabalha numa agência de notícias francesa. Será que as notícias nos chegam sem qualquer interferência daqueles que controlam a agência? Dá para falar em isenção (política, partidária, étnica, etc.) da parte dessas agências? Um exemplo: os chamados atentados terroristas, notadamente aqueles levados a termo por grupos árabe-islâmicos. Qual a leitura que os repórteres estrangeiros fazem dessa temática? É isenta de juízo de valores? Em outras palavras, podem ser plenamente confiáveis?

Essa observação pode ser estendida às revistas e também às emissoras de televisão. Portanto, as matérias trabalhadas com as turmas devem passar por uma espécie de filtro. Melhor dizendo, um exercício de comparação entre jornais, emissoras de TV e revistas pode ser desenvolvido: como diferentes meios de comunicação tratam uma mesma notícia?

Uma vez que falamos do uso do jornal eletrônico, não podemos deixar de mencionar a internet na sala de aula. De fato, é crescente o uso dessa linguagem nas escolas, a ponto de serem instalados laboratórios de informática e, em alguns casos, as salas de aula disporem de pontos para conexão dos equipamentos à internet. Importa dizer que, com essa possibilidade se abrindo para as escolas e seus professores, uma série de sítios eletrônicos pode ser acessada, significando que imagens de vídeo, textos, imagens fotográficas, imagens de obras de arte, dentre outras

linguagens, podem ser disponibilizadas para as aulas.

A informática, e mais especificamente a internet, deve ser aproveitada ao máximo. Contudo sua utilização deve ser cercada de alguns cuidados, a começar pela seriedade dos sítios eletrônicos acessados. Afinal, existe um sem-número de endereços eletrônicos que disponibilizam um volume considerável de informações, mas cuja procedência é questionável. Há casos e mais casos em que os textos de uma determinada autoria são utilizados sem qualquer respeito aos direitos autorais de quem os produziu. Nesse contexto, os alunos devem ser instruídos a esse respeito, de modo a citarem a autoria, ou melhor, a fonte que serviu para a elaboração de um trabalho, para que se evite o plágio.

As aulas no laboratório de informática devem ser planejadas, sistematizadas. Isso significa dizer que devemos ter a maior clareza possível sobre o que queremos desenvolver com nossos alunos, caso contrário o espontaneísmo da atividade resultará tão somente em perda de credibilidade da informática. Corre-se o risco de se ver os alunos associando a ida ao laboratório como "matação de aula". Nesse sentido, é da maior importância que o profissional que atua no laboratório seja envolvido na elaboração da atividade, ao invés de ocupar um papel de mero executor. Como bem sabemos, nessas situações, enquanto ele executa, o professor acaba assumindo uma postura até certo ponto passiva. Portanto, tanto um como o outro deve engajar-se e mobilizar a atenção e o interesse dos alunos.

O acesso a endereços eletrônicos que complementem as aulas sobre um determinado assunto, assim como a utilização de jogos educativos acabam revelando que a informática lida com múltiplas linguagens. Sua vantagem está apoiada em alguns pontos, como a possibilidade de apreciar eventos ao vivo; contar com informações atualizadas, como aqueles de caráter

estatístico, mas não apenas esse, divulgados pelo IBGE no Brasil e pela ONU na escala planetária. Assim, a informática pode ser apontada como uma séria aliada para o trabalho pedagógico dos docentes em geral, e também para a realização de pesquisas por parte dos alunos.

Resta agregar às ações metodológicas as práticas avaliativas. O que avaliar, considerando o uso de diferentes linguagens no ensino da Geografia? Como avaliar os conteúdos nessa perspectiva? Dentre os inúmeros critérios que podem ser elencados, sugerimos considerar os seguintes:

- Posicionar-se criticamente diante de formas de linguagem presentes no cotidiano, como o cinema, a televisão, o jornal, e as informações por elas veiculadas;
- Identificar fenômenos e informações de caráter geográfico fazendo uso dos meios de comunicação de massa e assumir posturas que demonstrem uma tomada de consciência diante das desigualdades socioespaciais; ser capaz de propor a defesa de direitos a um ambiente e espaço dignos aos seres humanos;
- Apropriar-se crítica e conscientemente das informações que circulam nos diferentes meios de comunicação e revertê-las em benefício de sua comunidade;
- Fazer uso do raciocínio geográfico na análise e interpretação de questões que digam respeito à superposição de escalas, bem como de territórios, paisagens e lugares.

Como bem se pode perceber, os critérios levantados guardam uma associação muito próxima com princípios, valores e atitudes. Contudo, é importante ressaltar que o trabalho com esses componentes deve levar em conta a diversidade cultural e social de nossa sociedade. Nesse sentido, é recomendável bom senso. Afinal, o que pode significar para uma comunidade instalada numa ocupação precária, em que ninguém possui o título

de posse ou propriedade de seu imóvel, o exercício da crítica ao seu modo de vida? Ou seja, alguns valores e princípios podem ter diferentes sentidos para os diversos grupos sociais. Talvez resida aí a riqueza dos estudos geográficos de uma realidade tão contrastante como a brasileira, pois permanentemente estaremos nos defrontando com situações que demandam senão o respeito, a construção de direitos. Ocorre que esse procedimento deve apontar na direção do exercício da cidadania. E o que é a cidadania senão a conjugação de projetos pessoais e projetos coletivos?

É no espírito da construção de projetos que finalizamos esse capítulo, com a certeza de que ensinar Geografia é lidar com questões e problemas que exigem um olhar, uma postura, um envolvimento com as coisas do mundo que possibilitem aos alunos crescerem. É uma proposição que sugere uma compreensão de si e do mundo capaz de levá-los para “além de seu nível, nunca abaixo”.

QUESTÕES EM PAUTA

1. De posse de seu planejamento de ensino, faça o que se pede:
 - a) Quais os conteúdos e habilidades que devem receber prioridade no seu processo de avaliação? Por que você os selecionou?
 - b) Como você organizou as suas ações metodológicas em sala de aula, tendo em vista assegurar que os conteúdos e habilidades a serem priorizados sejam de fato viabilizados?
 - c) Especifique as práticas avaliativas que você pretende utilizar no processo de avaliação da aprendizagem com suas turmas.